

AS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN POR MEIO DA DANÇA

Rosana Carla Gomes Gonçalves Cintra –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – rosana.cintra@ufms.br

Aline Oliveira –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – tataline_rbe@hotmail.com

Allyne Nunes de Oliveira –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – allyne_no@hotmail.com

Elaine Cristina Freitas Veiga –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – elainefreitasveiga@hotmail.com

Sandra Mieko Makimoto de Souza –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – sandramakimoto@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: Sabores da arte, da cultura e do conhecimento

COMUNICAÇÃO ORAL

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as possibilidades que o trabalho com a dança traz para o desenvolvimento de habilidades e da aprendizagem bem como a forma de integração do ser criança no espaço coletivo. O estudo foi realizado com base nos referenciais teóricos: Vygotsky (2001), Cintra (2002), Cassarin (1999), dentre outros. Como metodologia de pesquisa foi realizada levantamento bibliográfico, seleção e análise das fontes. O trabalho deu ênfase à pesquisa qualitativa, para análise do levantamento bibliográfico. Considera-se a dança uma ferramenta capaz de oferecer contribuições para o desenvolvimento físico e intelectual da criança com Síndrome de Down, capaz de melhorar a coordenação motora, orientação corporal e espacial e, desenvolver a expressividade, criando uma linguagem individual de movimentar-se e comunicar-se. Acreditamos que a educação inclusiva é a junção dos recursos da educação regular e especial, cuja finalidade é desenvolver os conteúdos curriculares em sala de aula oferecendo adequações e atendimento especializado aos alunos com deficiência, tendo por objetivo beneficiar todas as pessoas.

Palavras-chave: Educação Especial; Dança; Processo Educativo.

AS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN POR MEIO DA DANÇA

Rosana Carla Gomes Gonçalves Cintra –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – rosana.cintra@ufms.br

Aline Oliveira –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – tataline_rbe@hotmail.com

Allyne Nunes de Oliveira –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – allyne_no@hotmail.com

Elaine Cristina Freitas Veiga –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – elainefreitasveiga@hotmail.com

Sandra Mieko Makimoto de Souza –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – sandramakimoto@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: Sabores da arte, da cultura e do conhecimento

COMUNICAÇÃO ORAL

Introdução

A partir do nascimento vamos nos constituindo dentro de uma sociedade permeada de cultura e conseqüentemente repleta de símbolos, sentidos e significados. Segundo Smolka apud Cintra (2012) “É impossível ao homem não significar. A significação faz parte da atividade humana”.

Nessa construção de significados as relações estabelecidas com o outro, que igual e ao mesmo tempo diferente, propicia a apreensão de novos saberes sobre o mundo que nos circunda. As instituições, que devem promover a propagação de conhecimentos e experiências, muitas vezes enfatizam somente aspectos relativos à prática da leitura e da escrita, esquecendo-se de que as crianças devem desenvolver as múltiplas linguagens. Aspecto esse retratado por Coutinho.

As instituições educacionais infantis desconsideram as cem linguagens das crianças atribuindo os mais diversos motivos. Sendo

assim é necessária a produção de conhecimento sobre as diversas infâncias e suas constituições. (COUTINHO, s/d, p.4)

A inclusão escolar tem provocado uma série de debates, discussões, estudos, tanto a nível nacional quanto, internacional. Essas abordagens vêm resultando em teses e artigos nas mais diversas instâncias que possibilitam um olhar mais atento à diversidade. Tanto a inclusão escolar como a inclusão social de uma forma geral, está sendo problematizada.

Os profissionais da educação enfrentam alguns desafios ao pensar e estruturar uma escola que acolha e propicie um espaço de aprendizagem e que o processo de inclusão aconteça de forma efetiva. O desenvolvimento do trabalho na instituição deve levar em consideração as especificidades infantis e os diferentes contextos: social, curricular, o da sala de aula, o da gestão escolar, bem como, a formação dos professores.

É fato que, a cada ano, a educação especial assume uma importância cada vez maior, dentro da perspectiva de atender às exigências de uma sociedade em contínuo processo de transformação e de busca à informação, ao conhecimento e aos meios necessários para a formação de sua plena cidadania. Somos todos iguais no sentido de usufruir os mesmos direitos e deveres, nunca se valorizou tanto o direito de cada ser humano viver e agir conforme suas características individuais.

Sabendo e respeitando essa singularidade é que se faz necessário ressaltar que todas as crianças, independentemente das suas especificidades motoras, cognitivas e sociais, tem direito a um desenvolvimento pleno, ou seja, viver intensamente suas experiências, ressignificando, criando e recriando o seu modo de ver e enxergar o mundo.

Durante todo o tempo de nossa existência o movimento está presente, ele é perceptível até mesmo quando aparentemente estamos imóveis. Muitas vezes não percebemos o movimento, mas segundo Vygotsky (2001) o próprio pensamento já é um ato de movimento.

Dessa forma, o trabalho pedagógico pode contemplar conteúdos relacionados ao movimento com outras atividades e atores diversos, buscando valorizar o movimento nas suas dimensões expressivas, instrumentais e culturais. Essas atividades podem ser realizadas de forma sistematizada por meio do desenvolvimento de projetos que integrem vários conhecimentos ligados ao movimento.

Para o desenvolvimento desta pesquisa adotamos a abordagem qualitativa, por meio de estudos bibliográficos, sobre dança e Síndrome de Down, tendo por objetivo analisar elementos relevantes para o desenvolvimento de habilidades e da aprendizagem bem como a forma de integração da criança no espaço coletivo.

Como educadores é necessário um olhar atento e um estudo constante para que possamos superar nossas próprias dificuldades, a fim de promover uma aprendizagem de uma maneira equitativa que busque promover o desenvolvimento integral dessas crianças, entendendo que as crianças não são iguais e não aprendem da mesma maneira, visto que cada um tem seu modo de aprender.

Síndrome de Down

A Síndrome de Down ocorre no momento da concepção, trata-se da primeira anomalia detectada na espécie humana, é congênita e não progressiva, resultando em deficiência intelectual que causa alterações no desenvolvimento físico e mental, segundo Bee (2003, p. 79) isso se dá quando “o material genético contém erros provocados por uma meiose imperfeita do espermatozoide ou do óvulo, resultando na falta ou excesso de cromossomos”, no caso da Síndrome de Down há o excesso de cromossomos.

Essa síndrome é a ocorrência genética mais comum que existe, acontecendo cerca de um a cada setecentos nascimentos, podendo ocorrer com qualquer pessoa independente de raça, cor ou condição econômica, se caracterizando por atraso intelectual e hipotonia generalizada em diferentes graus.

Segundo Cintra (2002, p. 30), a história oficial da Síndrome de Down no mundo começa no século XIX. Até então, as pessoas com deficiência mental eram vistas como um grupo único homogêneo. Assim, eram tratados e medicados, identicamente, sem se levar em consideração as causas da deficiência, que são inúmeras e podem ocorrer durante a gestação, no momento do parto e após o nascimento.

Mas foi somente em 1866, que o Dr. John Langdon Down fez o reconhecimento clínico dessa alteração genética, diferenciando as pessoas com Síndrome de Down de outras que possuíam outro tipo de incapacidade intelectual conforme destaca Cintra (2002):

Ele foi o primeiro a reconhecer e a registrar o fato de que estava diante de um grupo distinto de pessoas. Além disso, fez uma descrição física e clínica tão completa que é válida até hoje. (WERNECK, 1993 *apud* CINTRA, 2002).

As características no caso da Síndrome de Down são causadas pela trissomia do par de cromossomos 21, há vários tipos de trissomia, a forma mais frequente é a trissomia livre ou simples, ao invés de ter dois cromossomos, possui três, causando à pessoa várias diferenças físicas e deficiência intelectual.

Outro tipo de trissomia é a translocação, onde o cromossomo 21 está geralmente unido ao cromossomo 14, suas consequências são semelhantes à da trissomia simples e, se ao fazer o exame de cariótico for constatado a translocação no bebê síndrome de Down, o exame também terá que ser feito pela família, pois servirá para avaliar se poderão ter filhos com trissomia.

O mosaicismo, o qual evidencia que a partir de uma trissomia simples ou de uma translocação, que nem todas as células se multiplicam com cromossomo a mais. Algumas ficam com 46 e outras com 47 cromossomos, distribuídas em proporções diferentes pelo organismo. (BONFIM *apud* ORNELAS; SOUSA, 2001).

É de grande relevância a atuação dessa carga genética a mais no cromossomo, pois ela influenciará na formação do corpo, fazendo com que as pessoas nascidas com essa síndrome apresentam características em comum, conforme descritas por Bee (2003) e Bonfin(2001):

Essas crianças possuem um rosto achatado, nariz pequeno (em muitas crianças, passagens nasais estreitadas) e olhos um pouco oblíquos com uma prega epicântica na pálpebra, tamanho cerebral total reduzido e, com frequência, outras anormalidades físicas (BEE, 2003, p. 79).

Com deficiência mental geralmente moderada, hipotonia muscular generalizada, pouca coordenação dos movimentos, língua protusa, respiração bucal, cardiopatias (em 40% dos casos), fala tardia, sensibilidade a infecções, hiperextensibilidade articular, frouxidão ligamentar da primeira e da segunda vértebra e outros. (BONFIM *apud* ORNELAS; SOUSA, 2001).

Através do pré-natal é possível, por meio de exames clínicos (amniocentese, coleta de vilos coriônicas, exame de sangue, ultrassom) e análise citogenética, diagnosticar a Síndrome de Down. Os indivíduos acometidos pela Síndrome de Down estão predispostos às doenças respiratórias, cardiovasculares, gastrintestinais, obesidade, rara fertilidade (nos homens) e, associados à leucemia, hipotireoidismo e doenças de Alzheimer.

Na Síndrome de Down o desenvolvimento e a aprendizagem dos indivíduos sofrem interferências devido ao comprometimento intelectual que os acometem, a idade cronológica é diferente da idade funcional, o que faz com que eles sejam vistos sempre como crianças, sendo também determinante a educação e o ambiente aos quais estão inseridos desde o seu nascimento.

Segundo Cintra (2000, p 34), cada pessoa com Síndrome de Down, necessita para seu desenvolvimento a possibilidade de convívio social, pois é através da mediação entre seus pares, que se promove a concepção de consciência corporal, desenvolvimento cognitivo,

coordenação motora e conseqüentemente, melhor qualidade de vida e movimento, pois para Vigotski, só nos tornamos humanos em convivência com outros humanos.

Acreditou-se por muito tempo que o tratamento médico seria a melhor intervenção para as crianças com Síndrome de Down, mas alguns estudos demonstraram que a estimulação essencial e o trabalho conjunto com pais e professores resultaram em melhorias no desenvolvimento físico e cognitivo. O programa de estimulação essencial funciona adequadamente, quando dentro da família se oferece uma boa interação familiar, experiências de apoio, disposição de brinquedos pedagógicos, contatos com outras crianças, segurança e saúde, etc.

O ambiente e o relacionamento familiar devem ser acolhedores, buscando sempre envolver a criança com síndrome de Down nas decisões, sejam elas agradáveis ou não. Isto faz com que se sintam seguras neste lar, relacionando-se de forma cooperativa, madura e significativa com pais e irmãos. Assim, também se sentirão mais preparadas para enfrentar situações novas diferentes. (BUSCAGLIA, 1997).

Para a criança com síndrome de Down as implicações mais significativas para o seu desenvolvimento são as interações estabelecidas na família, aliadas a sistemas sociais como escola, trabalho, clube e outros.

Tanto na família como na escola, o papel da motivação, deve ser baseado na necessidade da criança vivenciar experiências que com certeza contribuirão para o seu desenvolvimento. E, é através da participação conjunta da família e da escola que a aquisição do conhecimento e da aprendizagem poderá ser bem sucedida.

A influência da dança no processo educativo da criança com Síndrome de Down

No processo de aquisição do conhecimento os profissionais que atuam com as crianças devem compreender a importância de se trabalhar com atividades que estimulem as habilidades do grupo, para que as potencialidades das crianças sejam desenvolvidas num contexto mais amplo, possibilitando ampliar suas capacidades cognitivas, afetivas, sociais e motoras.

É sabido que todo planejamento tem uma intencionalidade e que a organização do tempo e do espaço favorece a interação, a criatividade, a linguagem dentre outros aspectos citados por Stokoe e Harf(1987):

Consideramos a atividade organizada sob o nome de expressão corporal dotada de objetivos específicos, como uma atividade artística, desde que por artístico se entenda tudo aquilo que desenvolve a

sensibilidade, a imaginação, a criatividade e a comunicação humana. É uma linguagem por meio da qual o indivíduo, pode sentir-se, perceber-se, conhecer-se, e manifestar-se. É um aprendizado em si mesmo, o que o indivíduo sente o que quer dizer e como quer dizê-lo. (STOKOE e HARF, 1987, p.14).

A dança, como a expressão corporal se torna um estilo pessoal de cada indivíduo, manifestado através de seus movimentos, estabelecendo relações consigo, com as pessoas, e com tudo que circunda as crianças. A partir das relações estabelecidas a criança aprende a tomar decisões e atitudes. Aprendendo, assim, aperfeiçoar as mais variadas formas de movimentação de seu corpo no espaço, sendo esse fator preponderante na aquisição do domínio e o controle corporal.

Sendo assim, se a criança que nasce com a Síndrome de Down e tem uma estrutura interna deficitária, a estimulação adquire importância ainda maior.

É na linguagem corporal, às vezes, mais adequada do que a linguagem verbal para informar sobre as atitudes e emoções de uma pessoa. Por isso a dança como uma arte conceitual, além de transmitir os valores estéticos inerentes ao trabalho coreográfico é adequada para transmitir, emoções, ideias, sentimentos, princípios filosóficos ou éticos – chaves da linguagem corporal. (CINTRA, 2002, p. 42).

O envolvimento com a dança possibilita às crianças com Síndrome de Down a construção da consciência corporal, noções de lateralidade, equilíbrio, variações rítmicas, coordenação motora, dentre muitas outras habilidades. Outro aspecto significativo na proposição da dança é a superação dos desafios apresentados, o desenvolvimento da afetividade e o fortalecimento da formação de grupos, bem como, a demonstração das emoções e dos sentimentos das crianças.

Uma maneira bem eficiente de se trabalhar a dança com os portadores de SD é utilizá-la de forma educacional recreativa, sendo uma excelente forma de estabelecer a saúde, aptidão física, autoconfiança, equilíbrio emocional, integração social, entre outros benefícios por ser um método que não se preocupa com a técnica, e sim, propõe que as pessoas adaptem os exercícios ao seu dia-a-dia, seu meio, proporcionando liberdade de movimentos. (LIMA; BOSQUES, 2010).

As crianças com Síndrome de Down podem alcançar estágios avançados do desenvolvimento motor, psicomotor, de linguagem e cognitivo.

Podemos então abstrair que no processo de desenvolvimento, a dança pode muito contribuir, uma vez que atua como facilitadora e estimuladora das reações corporais e posturais. Os exercícios provenientes do ato de dançar facilitam a percepção do espaço, da sensação do próprio corpo, além de conferir maior habilidade motora ampla, facilitando o controle da cabeça, a postura correta do corpo, a lateralidade, o aprender a apoiar-se com as mãos, o permanecer sentada, o arrastar-se, o engatinhar, o levantar-se e o ficar de pé,

dando a criança consciência de que todo seu peso está apoiado sobre os pés. As experiências adquiridas através da dança, o contato corporal e as atividades motoras levam a criança a sentir-se e perceber o ambiente e a explorá-lo. (CINTRA, 2002, p. 50).

A dança não é apenas uma expressão humana, mas também pode ser transformadora, e não se limita apenas a uma área do saber. Portanto, o trabalho desenvolvido com a dança pode contribuir intensamente para a construção de uma sociedade inclusiva, pois ela proporciona vivências estéticas, criativas e estimula a capacidade crítica e interpretativa, aumento seu repertório linguístico contribuindo para a aquisição de novos conhecimentos, da autonomia e da autoestima das crianças com Síndrome de Down.

Dessa forma, reforçamos que, na brincadeira, na dança, na musicalidade, na dramatização, na contemplação das artes plásticas as crianças estarão exercitando as habilidades que permeiarão todos os aspectos de sua existência, a começar pelo respeito às diferenças culturais, sociais, físicas e intelectuais.

Para que a aprendizagem ocorra é importante que o professor dê às crianças a liberdade de movimento, de conhecimento do corpo, sem oprimir com um modelo padronizado, devendo assim, fomentar a integração e a socialização no grupo, trabalhando todos os aspectos, proporcionando atividades corporais que possibilitem a independência, a autoafirmação e a autoestima.

Considerações Finais

Em um mundo em constante transformação pensar sobre a aprendizagem e suas interfaces e, em como ela pode auxiliar a criança na construção da autonomia é de suma importância.

A dança é um fator de grande influência física e intelectual para as crianças com a Síndrome de Down, por meio desta modalidade é possível o desenvolvimento dos aspectos da psicomotricidade, bem como uma conscientização corporal e espacial, criando uma linguagem individual de movimentar-se e comunicar-se, ou seja, demonstrar o que sente.

Ela proporciona um momento em que é possível tocar o interior, por meio dos sentidos, da leitura de mundo como uma nova linguagem. Além de desenvolver o respeito ao próprio corpo e ao outro, potencializa as aquisições motoras e cognitivas.

Considera-se a dança como fator imprescindível na vida da criança com alguma deficiência é uma ferramenta lúdica capaz de oferecer um importante instrumento pedagógico e formidável para o processo de ensino aprendizagem.

Os profissionais da educação possuem muitos desafios, mas o principal deles é no que diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia capaz de educar todas as crianças, conhecendo as limitações das crianças e se comprometendo em adaptadas situações de aprendizagens que oportunizem a superação delas.

Assim, segundo Arendt (2000, p. 247)

A educação é também onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos e tampouco, arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as, em vez disso e com antecedência, para a tarefa de renovar um mundo comum.

Acreditamos que, o professor é propositor de novos desafios, devendo ser o mediador no processo ensino-aprendizagem conforme afirma Vygotsky (1991) que o professor mediador “é aquele que leva em conta as potencialidades cognitivas dos educandos, fazendo desafios intelectuais significativos, envolvendo-os em novas situações, provocando-os à superação cognitiva”. (VYGOTSKY, 1991, p.91).

Porém, para garantir o amplo desenvolvimento da criança, é necessário que todos os profissionais da educação tenham uma boa qualidade nas formações, iniciais ou continuadas, melhor ainda se forem licenciados em artes visuais, dança, teatro ou música.

Referências

ARENDRT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução: Mauro Barbosa de Almeida. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ARRUDA, D.C. **Os benefícios da dança para pessoas em Síndrome de Down**. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em: 19 mar 2013.

BEE, Hellen. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BUSCAGLIA, L. F. Os deficientes e seus pais: um desafio ao acolhimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CINTRA, R. C. G. G. **Educação especial X dança: um diálogo possível**. Campo Grande/MS. Editora UCDB. 2000.

CINTRA, R. C. G. G. **Incursões teóricas acerca da dança e sua contribuição para a educação especial: o papel do corpo na teoria vigotskiana**. Educação (Rio Claro. Online), v. 22, p. 31-46, 2012.

CINTRA, R. C. G. G. **O Brasil e a dança na escola: uma viagem pelos trilhos da história até os PCN Artes**.s/d.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **Infância e Diversidade: As Culturas Infantis**. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/pangela.PDF>> Acesso em: 10 fev. 2010 às 20h e 30min.

LIMA, Luciana Jardim de; BOSQUE, Ronédia Monteiro. **A contribuição da dança para o desenvolvimento integral dos alunos do grupo de dança da APAE-AP.** Disponível em: <<http://www.rexlab.ufsc.br:8080/more/formulario10>>. Acesso em: 02 maio 2013

MANCINI, et al. **Comparação de desempenho funcional de crianças portadoras de Síndrome de Down e crianças com desenvolvimento normal os 2 e 5 anos de idade**, v. 61, 2003.

ORNELAS, Márcia Abrantes; SOUSA, Celso. **A contribuição do profissional de educação física na estimulação essencial em crianças com Síndrome de Down.** Revista da Educação Física. Maringá, v. 12, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3779-10611-1.pdf> Acesso em: 25 mar 2013.

SAAD, S.N. **Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceito sem relação à pessoa com Síndrome de Down.** RevBrasileira de Educação Especial, v.9, n. 1, p. 57-78, 32003.

SERGIO, Manuel. **Motricidade Humana e Saúde.** Revista da Educação Física. Maringá, v.12,n.2,2001. Disponível em: http://www.def.uem.br/revista/revista_12a/art_14_12a. Acesso em: 15 de maio. 2013.

SIEGFRIED, M. Pueschei (org.); tradução REILY, Lucia Helena. **Síndrome de Down: Guia para pais e educadores.** 5 Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1993 (Série Educação Especial).

STOKOE, P.; HARF, R.; **Expressão Corporal na Pré Escola.** 3.ed. São Paulo: Summus, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 7. ed. 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovick. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** Tradução: José dos Santos Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1991.